This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 6162, 3.55

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

BOUGHT WITH THE INCOME OF THE

JOHN L. WARREN FUND

Digitized by Google

ERNESTO PIRES

CAMÕES E O AMOR

(NO ANNIVERSARIO 304 DA MORTE DO POETA)

PREÇO 300 REIS

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 16--Porto

1884

Digitized by Google

Digitized by Google

CAMÕES E O AMOR

Digitized by Google

OBRAS DE ERNESTO PIRES

FOLHAS DISPERSAS 1 vol. 1876.
A VOZ DO POVO 1 ops. 1878.
O CANCIONEIRO PORTUGUEZ 1 vol. 1880 *(com J. Leite de Vasconcellos)*.
O EVANGELHO DA REVOLUÇÃO 1 vol. 1881, 1.ª ediç.
A VOZ DA CONSCIENCIA 1 ops. 1881 (*versos Camoneanos*).
A ALMA DE CAMÕES 1 vol. 1882.
O POETA MORIBUNDO 1 ops. 1882 (*original de Lamartine*).
O LEGADO D'UM REI 1 ops. 1883.
CANÇÕES DA CANALHA 1 vol. 1883.
O EVANGELHO DA REVOLUÇÃO 1 vol. 1883, 2.ª edição.
RESPOSTA AO INSULTO BRIGHT 1 ops. 1883.
SCINTILLAÇÕES E SOMBRAS 1 vol. 1883.
ABAIXO O JESUITA! 1 ops. 1883.
CAMÕES E O AMOR 1 ops. (versos Camoneanos) 1884.

Digitized by Google

ERNESTO PIRES

CAMÕES E O AMOR

(NO ANNIVERSARIO 304 DA MORTE DO POETA)

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 16—Porto

1884

Digitized by Google

1884: Porto — Imprensa Commercial — Lavadouros, 16.

Digitized by Google

Á MEMORIA

DO GRANDE POETA

LUIZ DE CAMÕES

CONSAGRA

ESTE HUMILDE TRIBUTO

O Auctor.

Digitized by Google

Port 6162.3.33

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY
JAN 16 1974

Digitized by Google

I

ESCUTA!

Heide gastar os olhos só a olhar-te,
A alma heide queimar no fogo ardente
Que vem dos olhos teus, continuamente,
E assim succumbirei a abençoar-te.

Só tenho coração para adorar-te,
Labios para diser-te quanto sente
Quem feliz se julgara, eternamente,
Ficando, eternamente, a idolatrar-te.

No peito meu não cabe o sentimento,
Trasborda como as agoas, alteradas
Pelas raivosas convulsões do vento.

Amado ou não, — as trovas magoadas
Do amor e coração e vida e alento
Eu aos teus pés deponho, — eil-as rojadas!

Digitized by Google

II

BARBARA, ESCRAVA

Ajoelhara a negra suspirando
Postas ás mãos, os labios contrahidos,
Diziam as canções dos seus gemidos
Mais do que os prantos com que estava olhando.

Camões fitava o espaço, meditando,
Bem longe o coração, longe os sentidos;
E de seus olhos, para a dôr nascidos,
As perolas caiam, deslisando.

Um queixume da negra, compungente,
Acordara o poeta, que sonhava
Com a patria querida e o amor ausente.

Ella co'os olhos n'elle comtemplava,
Elle co'os olhos n'ella era indifferente,
Que todo aquelle mal outra o causava.

Digitized by Google

III

NA VOLTA Á PATRIA

(SALVAÇÃO DOS *LUSIADAS*)

Cinzenta a côr do ceu, a noite baça,
O vento chora nas enxarcias, rude
Como grito plangente d'alaude,
Vibrado pelos dedos da desgraça.

Além nenhuma estrella então perpassa,
E' o horisonte um lugubre athaude,
Fervem as ondas altas como açude
Que as torrentes ás agoas embaraça.

Vem da China o baixel desarvorado,
Sulcou o mar com soffrega vontade,
Até que o mar o fez despedaçado.

Sorrindo heroicamente á tempestade,
Paga o zelo maior do seu cuidado
Camões, salvando á patria a eternidade.

Digitized by Google

IV

UM VERSO DE CAMÕES

Não desço agora á fria sepultura,
Não roubo á morte os pavidos segredos,
Não quero desfolhar com estes dedos
Do gelo a flôr de extranha formosura.

Não vou cingir na tua fronte pura,
Cheio de horror,—o labio e os olhos quedos,—
Por entre a noite e os tristes arvoredos,
D'uma fatal grinalda a eterna alvura.

Deixa que viva assim em treva absorto,
Cadaver, caminhando, tristemente,
Em demanda do meu perdido horto.

Já que ventura amor me não consente,
Que não recorde mais meu peito morto
Erros meus; má fortuna, amor ardente.

Digitized by Google

V

FLOR PERDIDA

Quando sorria a infancia docemente
Aos olhos infantis da minha esp'rança,
Era-me o ceu azul, azul bonança
Me enchia o alegre peito, ternamente.

Brilhante o espaço, a aurora transparente,
Brando o futuro se a illusão avança!...
Assim jámais o coração se cança,
Mostrando á nevoa fria um sol ardente.

Pastam os olhos meigos pelos prados,
Os astros rompem sempre vigorosos
As campinas do ceu, fortes arados.

E murcham sobre a campa luminosos
os lyrios! E' que lembram, emigrados
Alegres campos, verdes, deleitosos.

Digitized by Google

VI

OS TEUS OLHOS

I

Inveja a noite escura e tenebrosa
A negra côr do teu olhar vibrante,
Espelho d'alma triste e peito amante,
Imagem d'uma estrella radiosa.

O teu olhar de fogo!... E' assombrosa
A luz que espalha ao de redor; distante
Se fôr um dia, caminheiro errante,
Que elle me enxuge a face lacrimosa.

Se além, na campa, os membros já cançados
Eu repoisar ao pé dos tristes lyrios
E dos funereos goivos delicados.

Pago serei então de meus martyrios,
Se, juncto a mim, teus olhos magoados
Forem-me, ali, os derradeiros cyrios.

Digitized by Google

II

Os olhos que me deram na existencia,
Com seu gentil fulgor de virgindade,
Umas vezes amor, outras saudade,
Renascendo-me a paz na consciencia;

Olhos cheios de vida e de innocencia,
Revivos de perfume e suavidade,
Olhos de tão formosa claridade
Que escurecem do ceu a transparencia;

Talvez sejam ainda os companheiros
Da melodia heroica de meu canto,
Meus amigos sinceros, verdadeiros.

Talvez!... Mas se podér a sorte tanto
Que os affaste de mim, que os derradeiros
Suspiros meus orvalhem com seu pranto.

Digitized by Google

VII

CRUEL DESTINO!

Tudo se abraça n'este mundo, creia!
O mundo é sonho passageiro, breve,
Se além a sorte a sina nos descreve,
Tambem o amor impelle a nossa ideia.

Abraça o mar, bramindo, a branca areia,
O zephyro que, á tarde, vae de leve
Pelo norte a voar, abraça a neve,
Abraça a chamma um corpo que incendeia.

A hera abraça o tronco que, elevando
Os braços para o espaço, os entrelaça
No doce arfar da naturesa, brando.

O raio abraça o cedro que estilhaça,
A lua abraça o mar, se está brilhando,
Só o meu peito, amor, a não abraça!

Digitized by Google

VIII

VITA NUOVA

Senhora de minh'alma, a suavidade
Dos teus labios gentis tornou-me á vida;
Tinha a esperança morta e já perdida
E deu-lhe um beijo teu vitalidade.

Passou a dor mimosa da saudade,
Surgiu no oriente a aurora apetecida,
Brotou a flôr, ha muito emmurchecida,
A bella flôr d'alegre mocidade.

Agora canto o sol, as philomelas,
O vasto mar, as lucidas estrellas,
A noite escura e a branca luz da alva.

Lasaro resurgi da terra fria,
Abrindo o olhar já baço á luz do dia...
—E' que um beijo, senhora, tambem salva.

Digitized by Google

IX

AQUELLA FLOR

E' assim como o rosto de Paulina,
Cruelmente por Nero perseguida,
Aquella flôr que estimo mais que a vida,
Flôr gentil de face purpurina.

Nas suas folhas leio a minha sina;
Talvez cheia d'amor, talvez florida
Renasça a fé, n'esta alma, dolorida,
D'aquella flôr á nota sibyllina.

Quando poisar d'ausencia o escuro manto
E se ouvir, n'uns timidos harpejos,
O meu remoto e solitario canto,

O' brisas que passaes por estes brejos,
Estou a ungil-a com saudoso pranto
E a reanimal-a com ardentes beijos.

Digitized by Google

X

AI, VEM!

Não sei se sabes quanto amor eu tenho,
Guardado dentro d'alma, com fervor,
Como um crente que estreita um Santo Lenho,
Juncto do coração, cheio d'ardor.

Em bem guardal-o ponho grande empenho,
Intacto como o Lenho do Senhor;
Hasde sentil-o que tambem convenho
Que arde em teu peito um semelhante amor.

Escuta, ao longe, escuta essa harmonia,
Cantam os rouxinoes, nos arvoredos,
Banhados pela lua que irradia.

Confiam, mutuamente, os seus segredos...
— Ai, vem tambem contar-me a melodia
Dos teus sonhos d'amor, d'amor tão ledos.

Digitized by Google

XI

DUVIDA

Tu tens no coração todo o perfume
Que me embriaga a alma, docemente,
Que m'a eleva voando, mansamente,
Por ceu azul sem mancha, nem negrume.

Tu és, senhora, o alevantado cume
Da montanha do amor, onde vou, crente,
Curvar-me de joelhos, reverente,
Pelo poder que o teu olhar assume.

E sempre a adorar-te ficaria
Se soubesse que dentro do teu seio
Um affecto por mim rebentaria.

Assim, vivendo n'um cruel receio,
Topando a noite aonde espero o dia,
Talvez não ache da ventura um veio.

Digitized by Google

XII

FELIZ SAUDADE

Heide lembrar-me sempre, com saudade,
D'aquella noite gelida de inverno,
Em que poisaste, amor, o labio terno
Sobre o meu labio frio. Na anciedade

De enclausurar do amor a immensidade
Dentro do peito meu, o amor eterno,
Que ora nos salva e outr'ora dá o inferno
Aos sonhos bons da franca mocidade,

Sonhei coisas divinas, myst'riosas...
No aroma sideral do beijo ardente
Sorvi o alento das sensiveis rosas.

Depois ouvi, ao longe, meigamente,
A' tua voz, n'umas canções saudosas:
— Eu heide amar-te muito e eternamente.

*

Digitized by Google

XIII

IMMENSA DOR

Do teu olhar a doce claridade
Deu novo rumo á minha triste vida,
Abriu-me a alma á luz da immensidade,
Tornou-me a esp'rança ha muito foragida.

E hade talvez, atroz preversidade!
Lançar de novo a alma redemida
Entre os fataes escombros da saudade
Essa que foi por mim compadecida?

Mostrar o sol a quem vive na treva
E lançal-o, depois, á noite escura,
Fugir de Adão a delicada Eva...

Senhora minha, se é assim tão dura
A consciencia que d'amor me enleva,
Será eterna a minha desventura.

Digitized by Google

XIV

ULTIMA SUPPLICA

Eu tenho os olhos gastos por chorar-te,
Por tua ausencia eu trago o peito anceado,
Procuro-te no espaço illimitado,
No mar, na terra, emfim em toda a parte.

Embora a mente julgue divisar-te
No seio d'uma estrella, illuminado
Ou d'uma flor no calix perfumado,
Nem sei aonde vá para adorar-te.

Tudo me falla em ti!... Ninguem me escuta
Se busco em ti fallar, visão perdida!
De dôr assim o coração se enlucta.

Immaculado amor, pomba fugida,
Da sombra aonde estás termina a lucta
A quem por te não ver morre na vida.

Digitized by Google

XV

CIUME

Não sabe com certesa o que é ciume,
O que é sentir no peito, em vida, gelo,
Pegar no coração e contorcel-o,
Subir da raiva e do odio ao negro cume.

Não sabe o que é do amor o ardente lume...
Sonhar um vasto ceu e comprehendel-o,
Para ver, cruelmente, desfasel-o,
Na sombra da illusão, voraz negrume.

Não sabe, não, senhora!... ai! se o soubesse,
Se o podesse antever, se o comprehendesse,
Estrangulando a vida, á voz do amor...

Por mais cruel que fosse não daria
A uma alma, irmã da sua, essa agonia
Vendo-a morrer em convulsões de dor.

Digitized by Google

XVI

ETERNO AMOR

Se a morte me extinguir a mocidade,
Cortando o fio de penosa vida,
Julgar-me-has uma illusão perdida,
Haverá dentro em ti uma saudade?

Buscarás descobrir, na immensidade,
Quando a noite passar enegrecida,
Uma estrella serena e dolorida
Que te falle de mim, da eternidade?

Ou antes, esquecendo antigo enleio,
Extinguirás de vez, dentro em teu seio
A lava enorme d'um passado amor?

Se fôr assim, em noite tenebrosa,
Tu hasde ouvir minh'alma lacrimosa,
Magoadamente a suspirar de dor.

Digitized by Google

XVII

SUPPLICIO AMADO

Com oiro fino e pedras recamado,
Outr'ora um rei de Hungria deu o throno,
Para dormir um passageiro somno
D'uma donsella no regaço amado.

Ao ver o rei assim apaixonado
Sorria a corte com sinistro entono!
Neto de heroes vencido... ao abandono...
—Ai, quem em tal houvera então pensado.

Se fôra rei daria o throno, a gloria,
A c'roa, o manto, a fama, a patria, a historia,
O paço, as cortesãs e o sceptro bello,

Não por dormir um somno d'innocencia
No teu regaço, em morbida indolencia,
Mas para me enforcar no teu cabello.

Digitized by Google

XVIII

SE ESCUTO...

Se escuto ao longe a timida harmonia
Da tua voz vibrante, modulando
Um cantico d'amor, ou suspirando
Em requebros profundos d'agonia;

Bebe minh'alma, então, a melodia
Que o labio teu, assim, vem distillando
E sabe Deus se, ali, sempre ficando
Minh'alma de beber se fartaria.

A tua voz serena é mais suave
Que o cólo branco e puro d'uma ave
Que o seio mais gentil d'uma rainha.

Ai, viesses tu cantar, eternamente,
Sorrindo ou soluçando, docemente
Dentro do peito meu, ó alma minha!

Digitized by Google

XIX

DEPOIS DA MORTE

Se a crua morte te arrancar um dia
Dos braços meus, ó pomba estremecida!
Irá no teu caixão a minha vida,
Do meu amor a doce melodia.

Quando sentires collada a terra fria
Sobre o gelado peito e comprimida
A nivea face que a beijar convida
E que continuamente beijaria;

Hasde ouvir minh'alma, suspirando,
Muito de manso, como um tenue alento,
No canto triste do nocturno bando.

Escuta, então, meu lugubre lamento...
No ceu, serena, a lua irá passando,
Por sobre a terra gemerá o vento.

Digitized by Google

XX

DE TI AUSENTE

Quando longe de ti te vejo perto
E te abraço, nervoso a todo o instante,
O' minha bella e carinhosa amante,
Não sei se sonho ou se estou disperto.

Por teu olhar d'amor sempre coberto
Junto de ti quando de ti distante,
Ouço-te a voz gentil e sussurrante,
Ouço jurares-me o teu enorme affecto.

Em tudo que me cerca e me rodeia
Eu vejo a tua imagem carinhosa,
O' minha doce e terna Dulcinea.

Falla-me em ti, a madresilva e a rosa
E tudo a quanto eu levo a minha ideia...
Vejo-me preso em teu amor, formosa!

Digitized by Google

XXI

PALAVRAS D'UM SCEPTICO

I

Eu não escalo as rochas de granito,
Eu não transponho as vastidões do mar,
Nem vou rasgar o ventre do infinito,
Passo a existencia, inerte e sem pensar.

Não sei se Deus existe, ou se é um mytho,
Imposto á crença para atormentar
Da humanidade o largo peito afflicto,
Em noites de negrume, sem luar.

Vivo n'uma anciedade indefinida,
Cheio de Raiva, ensanguentado e vil,
Sem mesmo comprehender o que é a vida,

Ai! talvez seja um lugubre covil,
Uma passagem horrenda e dolorida
D'um mundo mau a um outro mais gentil.

Digitized by Google

II

Talvez seja uma ponte arremessada
D'um nada a outro nada incomprehensivel,
Talvez seja uma nota não tangivel
Na harpa pelo Destino dedilhada.

A vida... talvez seja uma enseada,
Onde aporte, na furia inconcebivel
Dos elementos mil do Incognoscivel,
Noss'alma, sem timão, desarvorada.

Deixae livre correr a phantasia,
O' sabios que arrancaes á terra fria
Os mysterios de toda a immensidade...

Que a morte, poderosa como o incendio,
De vós rirá, com forte vilipendio,
Levando-vos talvez á Eternidade.

Digitized by Google

XXII

ADORAÇÃO

Ouço dizer, ha muito, que a saudade
Aviva n'alma os grandes sentimentos,
Engrupando n'um só os pensamentos
Que se reunem, além, na immensidade.

Deixei-te um dia em triste soledade,
Parti, cheio de dor e de lamentos;
O pobre coração, entre tormentos
Luctando com raivosa anciedade.

Voltei tempo depois:—O sol raiava,
Sorria a primavera, e ostentava
O agreste breijo a perfumada flôr.

E ao ver-te, novamente, ó doce amante,
Disse a teus pés cahido e murmurante:
—Bemdicta a naturesa e o teu amor!

Digitized by Google

XXIII

INSONDAVEL

Eternamente fria, inamovibel,
Materia alevantada á luz da vida,
Não sei se me será doce guarida,
Se para mim será um impossivel.

Ausculta-se, não pulsa. E' insensivel
Aos sonhos meus, á minha voz sentida,
Gelada, sempre fria, incomprehendida
Do amor é uma nota não tangivel.

E tem no olhar vibrante o eterno fogo
Que se propaga a alma e fere logo
Enlaçando n'um aro o coração.

—Ama?—Eu não o sei! Extranha amante!
Illapidada assim como um brilhante,
Talvez da naturesa aberração.

Digitized by Google

XXIV

O TEU SEIO

O delicado aroma do teu seio
Enche-me o coração d'affecto puro,
O peito me embriaga em doce enleio,
Brilha de luz e amor o ceu escuro.

Ai, quanto mais o aspiro, mais anceio,
Quanto mais temo, mais estou seguro
De que hade ser o aroma de teu seio
Que hade raiar de sol o meu futuro.

Os oleos santos dos passados cultos,
De myrrha, e nardo, e rosa, oleos sepultos
Na fria escuridão da antiguidade,

Não tinham mais perfume delicado
Que o seio teu gentil e perfumado,
Seio gentil d'eterna suavidade.

Digitized by Google

Digitized by Google

Á VENDA NA LIVRARIA

DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR

12 — Rua do Almada — 16

A. Carvalhaes

Partida de Camões para o desterro d'Africa, poesia no tricentenario do epico (nova edição correcta)..... 200

A musicographa, parodia á *Judia* de Thomaz Ribeiro, segundo os processos do bom senso..... 100

Camões em Ceutá, poesia nas festas do centenario em Coimbra..... 200

Diogo Souto

Amica veritas; poesia recitada no Palacio de Crystal por occasião do centenario com uma carta de C. Castello Branco.... 200

Alexandre da Conceição

Alvoradas, collecção de poesias..... 400

Guilherme Braga

Heras e violetas, poesia, 1 vol..... 600

Echos d'Aljubarrota, poema..... 120

Os falsos apostolos, heresia em verso..... 100

O Mal da Delfina, parodia á *Delfina do Mal*, de Thomaz Ribeiro, 1 vol..... 500

Fagundes Varella

Vozes d'America, poesia, 1 vol..... 800

O Trovador, collecção de modinhas, recitativos, arias, lundus, etc. 5 vol..... 2$500

A Grinalda, collecção de poesias dos melhores poetas contemporaneos, 6 vol..... 5$000

A Grinalda,—vol. 4.º—contendo além d'outras poesias, a de Nogueira Lima por occasião de se inaugurar o monumento á memoria de Luiz de Camões, 1 vol..... 600

Imprensa Commercial—Lavadouros, 16

Digitized by Google